

ROMA: DOIS ANOS SEM FOTOS

Por Lourenço Jossias, enviado especial

3-35/92 (Roma) Completaram-se quarta-feira dois anos desde que o governo moçambicano e a Renamo decidiram iniciar conversações directas na capital italiana, Roma. Vinte e quatro meses depois do início do diálogo nota-se que a guerra continua a ceifar milhares de vidas enquanto na mesa do diálogo não se alcança o almejado acordo geral de paz.

Na tarde da última quarta-feira, Mateus Zuppi, um dos mediadores do processo de paz pela Comunidade de Santo Egídio, levou-me a visitar as velhas instalações que albergam os moçambicanos em diálogo.

A sede da Comunidade de Santo Egídio é um velho edifício com mobiliário antigo que, visitado demoradamente, não confere a pomposidade que se cria de esperar para um processo de paz.

Mateus Zuppi levou-me para uma sala modesta, indicando-me: "esta é a sala de espera do governo. Enquanto a Renamo não chega, o governo fica aqui a aguardar. Por isso que a delegação governamental entrou aqui de manhã quando esteve cá".

Nessa mesma manhã, eu tinha estado a entrevistar o coordenador da mediação, Mário Rafaelli, na mesma sala de espera do governo.

Continuando a visitar a sede da Comunidade, Zuppi levou-me em seguida para a sala de espera da Renamo: "Também aqui espera a Renamo quando a delegação governamental estiver ainda a caminho". Perguntei-lhe se são frequentes os atrasos, e ele respondeu com diplomacia: "sim isso é

normal. É normal que se atrase um pouco".

À medida que iam percorrendo o modesto edifício do Santo Egídio, eu ia morrendo de curiosidade enquanto o mediador me apresentava as salas, os jardins onde se toma café, onde se fazem os "lobbys".

"Aqui é onde as conversações começaram faz hoje exactamente dois anos", disse-me, apontando para um jardim recatado sem muitos verdes, coberto por uma grande bananeira. Umhas cadeiras desarrumadas; umas mesas e umas tantas árvores de sombra que acolheram o primeiro "frente a frente" entre Guebuza e Domingos, ambos acompanhados pelas suas delegações.

"Foi interessante o início. É pena que não haja fotografias, pois a Renamo recusou". Depois daquele primeiro encontro nos jardins com a bananeira como testemunha ambiental, as delegações seguiram para a mesa do diálogo a três passos dali.

E o meu acompanhante faz-me entrar na sala onde há dois anos, às vezes com os nervos a atingir os extremos, se desenrola o diálogo de paz. "Aqui fica a delegação do governo e ali senta a da Renamo. Ali à frente sentam-se os mediadores", explica-me.

D. Mateus indica-me umas cadeiras mais recuadas de madeira, sem praticamente nenhum conforto e diz-me: "aqui é onde se sentam ultimamente os observadores nas sessões plenárias".

À saída do edifício peço alguns documentos ao mediador e a resposta vem de pronto: "documentos não saem das nossas pastas, só damos os documentos que já foram assinados".

A resposta do meu interlocutor fez mudar, de repente, o meu semblante e ele após aperceber-se disso apressou-se a justificar-se: "sabemos que os jornalistas têm muitas queixas sobre a mediação. Dizem que não falamos nada à Imprensa, e têm razão. Mas nós não falamos porque descobrimos que afinal as partes falam muito para a Imprensa. Falar muito para a imprensa não é mau para os jornalistas mas pode ser

para o processo de paz", justifica e acrescenta: "por exemplo, quando as partes apresentam posições públicas à imprensa antes de discutí-las na mesa, torna-se muito difícil depois abandoná-las pois já se comprometeram com o público e, um pouco por orgulho, por coerência, ou para não parecerem fracos tentam mantê-las a todo o custo. Mas não há problemas".

Mediafax
10.7.92